

# **UMA ANÁLISE DA GUERRA NO IRAQUE COM BASE NAS IDEIAS DE MICHEL FOUCAULT E JOSEPH NYE<sup>1</sup>**

**Cindy Akemi Sawasaki**

---

Graduanda de Relações Internacionais  
e Direito (UNICURITIBA)  
cindy\_akemi@yahoo.com.br

**Marlus Vinicius Forigo**

---

Doutorando em História (UFPR),  
Professor do UNICURITIBA  
professor.marlus@gmail.com

Recebido: 29 out. 2010  
Aceito em: 30 nov. 2010

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de pesquisa realizada em Iniciação Científica, ligada ao Núcleo de Pesquisa e Extensão Acadêmica (NPEA) e ao Curso de Relações Internacionais, do UNICURITIBA,

## RESUMO

Este artigo, filiado à linha de pesquisa Poder, Ideologia e Imprensa, tem como objetivo de estudo realizar uma análise teórica dos fatos ocorridos na Guerra do Iraque, causadas inicialmente pelos atentados de 11 de setembro de 2001, correlacionando com a participação da mídia. Na base teórica, utilizar-se-ão a teoria neoliberalista das relações internacionais, mais especificamente os conceitos *soft*, *hard* e *smart power*, de Joseph Nye Jr., e o pensamento filosófico do discurso e do poder de Michel Foucault. Este artigo foi dividido em quatro seções principais: a primeira trata da explanação dos conceitos dos tipos de poder de Nye; a segunda, da explicação das ideias de Foucault; a terceira, de uma exposição histórica para situar espacial e temporalmente o leitor sobre os efeitos da doutrina Bush; finalmente, a quarta seção é a aplicação das ideias e conceitos de Foucault e Nye acerca do fato analisado.

**Palavras-chave:** mídia, *soft power*, *hard power*, discurso, Guerra no Iraque.

## ABSTRACT

*This article, following the research line of Power, Ideology and the Press, aims to conduct a theoretical analysis of events in the Iraq War. This war was initially caused by the attacks of September 11, 2001. It also considers the participation of the media in this process. The theories used as basis of this work are the neoliberal theory of international relations, specifically the Joseph Nye Junior's concepts of soft, hard and smart power, and also the Michel Foucault's philosophical thought about the role of the speech and the power. This article is divided into four main sections, the first explains the concepts*

*of power developed by Nye, the second explains the ideas of Foucault about speech and power, the third is a historical explanation to situate the reader on the effects of Bush Doctrine, and finally, the fourth section is about the application of concepts and ideas of Foucault and Nye to the historical fact studied in this article.*

**Keywords:** *media, soft power, hard power, speech, Iraq War.*

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo aplicar a ideia sobre discurso de Foucault e os conceitos de *soft e hard power*, de Nye, no contexto da Guerra do Iraque (2003). É importante ressaltar que a mídia teve grande influência nesse processo, portanto é fundamental analisar algumas das práticas discursivas proferidas pelo governo norte-americano depois do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, empregadas como justificativa para utilizar o *hard power*. Bem como a utilização de veículos midiáticos como a revista *Veja*, o jornal Folha de S.Paulo, a rede de notícias norte-americana CNN e filmes e documentários para demonstrar a difusão desses discursos pelo globo. A utilização dos termos *soft power*, *hard power* e *smart power*, de Joseph A. Nye Jr., será importante para análise do discurso do governo George W. Bush, principalmente para realizar uma análise teórica dos fatos ocorridos no Iraque.

Após o atentado de 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos da América (EUA) proclamaram um discurso antiterror e convidaram todos os países a participarem da luta contra o terrorismo. Primeiramente, os EUA invadiram o Afeganistão, com o objetivo de capturar o líder desse atentado, Osama Bin Laden (líder da rede terrorista Al-Qaeda), e acabar com o terrorismo mundial. Infelizmente o autor desse desastre não foi encontrado, mas os norte-americanos conseguiram derrubar o regime talibã no Afeganistão. Percebida a vulnerabilidade do império americano, o temor de ataques terroristas e o medo, intensificado pela divulgação da mídia, levaram o Presidente Bush a denunciar, em 2002, a existência de um “eixo do mal”, formado por Irã, Iraque e Coreia do Norte, que foram acusados de produzir armas nucleares e de patrocinar o terrorismo. Houve uma perseguição do governo norte-americano com relação à existência de armas de destruição

em massa no Iraque, que foi negada por Saddam Hussein (ditador iraquiano). Esses discursos foram transmitidos pela mídia, em todo o mundo.

A capilarização do discurso acabou tornando-se “verdadeira” para a comunidade internacional, por um processo simples: a repetição do discurso pela mídia. O discurso se torna verdadeiro pela repetição. Quanto mais se repete mais verdadeiro se torna.

## **2 SOFT POWER, HARD POWER E SMART POWER**

As relações que existem no mundo se fundamentam em um jogo de poder. Pessoas, organizações e Estados lutam entre si, de uma forma física ou intelectual, para impor seus interesses perante os demais. Nesse contexto, podem ser trazidos os conceitos de *hard power*, *soft power* e *smart power*, criados por Joseph Nye Jr.

O *hard power* (poder duro) é a capacidade de um país obter o que deseja, mediante a força bruta, a punição, a coerção, a intimidação e a recompensa. O poder duro se divide em duas modalidades: militar e econômico. Ambas são aplicadas por meio de ameaças, sanções e punições. No âmbito militar, o poder é exercido por meio de políticas como a guerra, as alianças e a diplomacia coercitiva. Nesta é utilizado o uso de ameaças em negociações de determinado assunto. No âmbito econômico, o poder duro é exercido por meio de políticas de apoio financeiro, sanções e subornos. As sanções são utilizadas como forma de punição por um comportamento que não é de interesse do ator mais influente em determinado assunto. E o apoio financeiro é utilizado com o objetivo de o Estado obter resultados que sejam favoráveis a seus interesses, tanto no plano econômico como no geopolítico.

O termo *soft power* (poder brando) foi criado com o objetivo de descrever os instrumentos que uma nação poderia utilizar para impor seus desejos diante de outras, mediante persuasão, atração cultural e valores políticos e(ou) ideológicos. É a habilidade de se obter o que se quer por meio da atração, em vez de coerção ou punição. Observa-se que, quando as políticas são legítimas aos olhos de outrem, o poder brando se intensifica. Nesse sentido, explica Joseph Nye Jr.:

Na política mundial, é possível que um país obtenha os resultados que quer porque os outros desejam acompanhá-lo, admirando os seus valores, imitando-lhe o exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade. Neste sentido é igualmente tão importante estabelecer a agenda política mundial e atrair os outros quanto forçá-los a mudar mediante a ameaça ou o uso das armas militares ou econômicas. A este aspecto do poder – levar os outros a querer o que você quer –, dou o nome de poder brando. Ele coopta as pessoas em vez de coagi-las.<sup>2</sup>

O *soft power* é a capacidade de influenciar os demais por meio da atração ideológica e cultural<sup>3</sup>. É a capacidade de seduzir e atrair<sup>4</sup>. Dominar corações e mentes possibilita um poder maior e mais duradouro, pois traz uma sensação de legitimação desse poder. Por outro lado, o domínio exercido mediante ameaças, violência e medo, por se demonstrar ilegítimo, tende a ser menos duradouro. Niccolo Machiavelli aconselhava aos príncipes da Itália que era mais importante ser temido do que amado. Mas, segundo Nye, no mundo

---

<sup>2</sup> NYE, Joseph S. **O paradoxo do poder americano**: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. Tradução de Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002. p. 36.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 37.

atual, é melhor ser ambos. Conquistar corações e mentes sempre foi importante e é ainda mais com o rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e com a globalização econômica, cultural e da informação. De acordo com Nye, informação é poder; com a moderna tecnologia da informação, as informações estão sendo distribuídas de forma mais violenta nunca vista na história.

Com utilização somente do *soft power* ou do *hard power* não se alcança a hegemonia. É preciso um equilíbrio entre esses dois poderes. A proporcionalidade entre esses dois poderes seria o ponto equilíbrio para o exercício da hegemonia, o *smart power*<sup>5</sup>. A distinção entre *hard* e *soft power* se encontra na gradação em que o agente aplica os seus recursos de persuasão:

A diferença entre poder bruto e poder brando é o grau, tanto de natureza do comportamento como na tangibilidade dos recursos. Ambos são aspectos da capacidade de atingir objetivos próprios modificando o comportamento alheio. O poder de comando – a capacidade de mudar o que os outros fazem – tende a arrimar-se na coerção ou na indução. O poder de cooptação – a capacidade de moldar o que os demais querem – apoia-se ou na atração exercida pela cultura e pela ideologia, ou na capacidade de manipular a agenda das escolhas políticas de modo a fazer com que os agentes deixem de expressar determinadas preferências porque elas não parecem realistas. As formas de comportamento entre o poder de comando e o de cooptação alinham-se numa série contínua: poder de comando, coerção, indução, estabelecimento da agenda, atração, poder de cooptação. Os recursos de poder brando tendem a se associar ao comportamento do poder de

---

5 [...] *America's success will depend upon our developing a deeper understanding of the role of soft power and developing a better balance of hard and soft power in our foreign policy. That will be smart power. We have done it before; we can do it again.* (NYE, Joseph S. **Soft power**: the means to success in world politics. New York: Public Affairs, 2004. p. 147).

cooptação, ao passo que os do bruto geralmente se associam ao comportamento de comando. Mas a relação é imperfeita. Por exemplo, um país pode atrair outros pelo poder de comando, mediante o mito da invencibilidade, e às vezes é possível utilizar o poder de comando a fim de estabelecer instituições que posteriormente vêm a ser consideradas legítimas. Mas a associação geral é suficientemente forte para permitir a útil referência abreviada a poder bruto e brando.<sup>6</sup>

Com isso Joseph Nye Jr. pretende esclarecer que tanto o *soft power* quanto o *hard power* se relacionam e se reforçam mutuamente, pois ambos são necessários para se atingir os objetivos previamente determinados pelo agente. Portanto, Nye utiliza o termo *smart power* (poder inteligente) para descrever a proporcionalidade entre os dois poderes.

## 2.1 DISCURSO COMO INSTRUMENTO DO *SOFT POWER*

O *soft power* é um conceito e, como todo conceito, se encontra em um mundo abstrato atingível apenas pela racionalidade humana. Uma ideia só se torna real quando é aceita e aplicada por um grupo. Mas a ideia, por si só, não é capaz de influenciar as pessoas. É preciso um meio (um instrumento) capaz de disseminá-lo. Esse instrumento é o discurso aliado aos meios de comunicação de massa. O discurso e as práticas discursivas, quando se estruturam de maneira inteligente, são capazes de direcionar o pensamento humano, por isso é um ótimo instrumento a serviço do *soft power*. Além disso, a capacidade de disseminação desses ideais pela mídia de massa potencializa o alcance e a aceitação do discurso.

Quando uma nação faz uso do *soft power* para persuadir outros países, está na verdade exportando seus

---

<sup>6</sup> NYE, Joseph S., op. cit., p. 38.

valores culturais, políticos, econômicos e filosóficos. Essa exportação de valores é realizada por meio de filmes, seriados de TV, desenhos, revistas, bens de consumo, etc. Pode-se considerar a exportação como uma invasão indireta e imperceptível que atrai e consome. Observa-se que ocorre um expurgo dos valores tradicionais de um país, à medida que os valores de outro país aumentam seus domínios pelo uso do *soft power*.

## 2.2 *SOFT POWER* COMO FORMA DE LEGITIMAÇÃO DO *HARD POWER*

Segundo as definições de Joseph Nye Jr. sobre *soft power* e *hard power*, percebe-se que muitas vezes o *soft power* pode ser utilizado como forma de legitimação das ações do *hard power*. Aplica-se o *soft power* para atrair pessoas ou nações sobre a necessidade da utilização do *hard power*. Isso pode ser observado na guerra contra o terrorismo, liderada pelos EUA, em que uma prática discursiva tenta convencer o povo norte-americano e as demais nações sobre a imperiosidade de se combater os países pertencentes ao “eixo do mal” (Iraque, Irã e Coreia do Norte). Joseph Nye Jr. expressa-se nesse sentido:

[...] a liderança eficaz exige o diálogo com os liderados. A liderança norte-americana será mais duradoura se conseguirmos convencer os nossos parceiros de que somos sensíveis ao que os afeta. Setembro de 2001 foi um começo rumo a essa sensibilidade [...]<sup>7</sup>

O *soft power*, dessa maneira, pode ser utilizado como uma forma de legitimar a atuação mais agressiva, *hard power*. A guerra contra o regime talibã, no Afeganistão, foi uma

---

<sup>7</sup> NYE, Joseph S., op. cit., p. 15.

demonstração disso. Depois do ataque terrorista em 11 de setembro de 2001, diversos países se solidarizaram com a tragédia que assolou o povo norte-americano. Teve início uma campanha de combate ao terrorismo, que foi liderada pelos EUA. O *soft power*, levando a ideia de que era preciso um mundo mais seguro e que para isso era necessário acabar com os infames terroristas, dominou a consciência dos países democráticos. Tais discursos legitimaram a atuação militar em território afegão e a posterior derrota do regime talibã.

### 3 PODER, DISCURSO, SOCIEDADE

Discurso, prática discursiva e poder são conceitos empregados por Foucault (e por outros autores) e que serão utilizados para analisar as práticas discursivas da imprensa e verificar se houve ou não o acolhimento delas por parte dos países e da população norte-americana. Segundo Foucault, o discurso pode ser considerado como um mecanismo que permite distinguir o verdadeiro do falso e que é controlado e sancionado de acordo com a época e as tendências de seu tempo, aquilo que se encontra na verdade.

A verdade não é tomada no sentido cognitivo (no sentido de ter capacidade de se conhecer mais e melhor a realidade), mas na descrição da *épistémè*, cujos conhecimentos estão imersos e dela retiram sua positividade. Portanto, não se busca uma verdade cada vez mais próxima do real, do progresso técnico e científico, mas da história das condições de possibilidade e de uso da verdade, do saber, que é conhecido como solo positivo.

A questão do poder está intimamente ligada ao discurso. Segundo Machado<sup>8</sup>, o poder

---

<sup>8</sup> MACHADO, Roberto. **Foucault**: a ciência e o saber. 3 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. p. 168.

[...] intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo –, e se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder ou subpoder.

E aqui se pode verificar que o Estado não possui um poder centralizado, como explica Machado:

Os poderes são exercidos em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, e nesse complexo os micropoderes existem integrados ou não ao Estado [...]. A razão é que o aparelho de Estado é um instrumento específico de um sistema de poderes que não se encontra unicamente nele localizado, mas o ultrapassa e complementa.<sup>9</sup>

Por conseguinte, verifica-se que o poder é praticado pela mídia sobre a população e, por meio dessas relações de poder, verifica-se também a propagação do discurso como forma de influenciar as pessoas, persuadindo-as a acreditar que o discurso transmitido é verdadeiro.

#### **4 DOUTRINA BUSH**

George W. Bush, eleito em 2000 para presidente dos EUA, fez uma política baseada, pós-ataque de 11 de setembro, na luta contra o terrorismo. Internamente fez com que surgisse a necessidade de aumentar os dispositivos de segurança, o que levou o presidente a propor a Lei Patriótica (*Patriotic Act*), aprovada em outubro de 2001. Essa lei possibilitou que pessoas vinculadas a grupos terroristas fossem detidas por longos períodos, medida essa que

---

<sup>9</sup> Ibid., p. 169.

recebeu muitas críticas das entidades de defesa dos direitos humanos. Em 2002, Bush emitiu uma ordem secreta que autorizou o monitoramento de dados dos telefonemas da população norte-americana, sem a necessidade de decisão judicial para tal ato. O ano de 2002 ficou conhecido como o início da doutrina Bush, no qual o presidente definiu diretrizes visando ao combate ao terrorismo, tendo como previsão o uso de força contra qualquer país que possa ameaçar a segurança dos EUA, sem que precisem consultar os aliados, e fazendo-o de forma unilateral e preventiva.

#### 4.1 GUERRA NO AFGANISTÃO E 11 DE SETEMBRO DE 2001

Em 11 de setembro de 2001, os EUA sofreram um atentado terrorista sem precedente, com a destruição das torres do World Trade Center, em Nova York, e de uma das alas do Pentágono (o centro administrativo das Forças Armadas, centro de inteligência militar), em Washington, por 19 extremistas muçulmanos. Os terroristas sequestraram aviões comerciais norte-americanos e os utilizaram em missões suicidas. No total, os ataques causaram aproximadamente 3 mil mortes. Segundo Sérgio Abranches, cientista político, em uma coluna da *Veja*:

Quando George Bush tomou posse, escrevi, aqui, que faria “um governo ultraconservador” e poderia “cair na tentação militarista para resolver suas fragilidades políticas”. Não foi preciso. O bárbaro ataque terrorista colocou a maioria absoluta dos americanos ao lado de seu presidente, dando-lhe uma base legítima para exercer plenamente a função que mais valoriza entre todas as que são atribuídas ao presidente americano: a de comandante-em-chefe da nação. Os terroristas mostraram o que Bush dizia desde a campanha e ninguém levava a sério: os Estados Unidos são vulneráveis. Claro que

essa vulnerabilidade não se resolve com o escudo antimíssil. Ele nada poderia contra aviões de carreira sequestrados em vôos domésticos. Mas quem liga? A América tem de mostrar que não perdeu a garra, nem aceita agressões dessa natureza.<sup>10</sup>

Os atentados são atribuídos à rede terrorista Al-Qaeda, liderada pelo milionário saudita Osama Bin Laden, que, na época acreditava-se, vivia no Afeganistão sob a proteção do regime local, o talibã. Entretanto, não se sabe até hoje onde se encontra. Segundo a notícia publicada no jornal *on-line Folha de S.Paulo*<sup>11</sup>, de 18/10/2010, “Bin Laden vive confortavelmente em casa no Paquistão, diz um funcionário da Otan.” Os EUA exigiram a entrega do saudita para não atacar o Afeganistão, mas o mulá Mohammed Omar, líder do talibã e sogro de Bin Laden, não o expulsou. A recusa das autoridades afeganes em entregar Bin Laden levou os EUA e o Reino Unido a atacarem militarmente o país, em outubro de 2001. O Paquistão passou a apoiar os EUA, e o talibã perdeu seu aliado. Os ataques causaram a fuga de milhares de civis para o Paquistão, enquanto a Frente da União Islâmica para a Salvação do Afeganistão<sup>12</sup> se aproveitou da ajuda militar anglo-americana e avançou, conquistando Mazar-e-Sharif e Cabul, em novembro. Os talibãs foram expulsos em novembro; o mulá Omar fugiu de Qandahar, em dezembro; a milícia talibã anunciou a rendição dela. A oposição decretou o fim da era talibã, e os afeganes comemoraram o fim do

---

<sup>10</sup> ABRANCHES, Sérgio. O voo da águia vingadora. **Veja**, p. 73, 19 set. 2001.

<sup>11</sup> FOLHA.COM. **Bin Laden vive confortavelmente em casa no Paquistão, diz um funcionário da Otan**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/816135-bin-laden-vive-comfortavelmente-em-casa-no-paquistao-diz-um-funcionario-da-otan.shtml>>. Acesso em: 30 dez. 2010.

<sup>12</sup> Aliança do Norte ou oficialmente Frente da União Islâmica para a Salvação do Afeganistão (FIUSA), partido político da oposição.

regime. Logo, cinemas e emissoras de TV foram reabertos, e as mulheres retomaram o direito de dispensar a burca, de trabalhar e estudar. Apesar de os EUA conseguirem ocupar o Afeganistão e derrubar o regime talibã em 2 meses, não conseguiram capturar Bin Laden nem Omar.

## 4.2 GUERRA NO IRAQUE

Em 29/1/2002, o presidente norte-americano incluiu o Iraque no “eixo do mal” (Iraque, Irã e Coreia do Norte) e o acusou de produzir armas de destruição em massa. Então, em novembro do mesmo ano, o Conselho de Segurança da ONU aprovou por unanimidade a Resolução 1.441/02, que obrigava o Presidente Saddam Hussein a aceitar a inspeção de armas no país. Em janeiro de 2003, os inspetores concluíram que não havia provas definitivas de que existiam armas de destruição em massa no Iraque. Mas, mesmo assim, em março de 2003, o país foi invadido por soldados norte-americanos e britânicos, ação conhecida como “Operação Liberdade Iraquiana”<sup>13</sup>. Derrubaram o regime em menos de um mês, e Saddam desapareceu. Com alguns grupos iraquianos revoltados com a invasão e acreditando que a presença da ONU no país representaria o aumento da dominação norte-americana, acabou ocorrendo, em agosto, um atentado contra a ONU em Bagdá, o que deixou 22 mortos, incluindo o representante da ONU no país, o brasileiro Sérgio Viera de Mello.

Em outubro, sete meses depois da invasão, o grupo de inspeção admitiu não ter encontrado armas de destruição em massa no Iraque. E, em dezembro de 2003, Saddam foi capturado por soldados norte-americanos num buraco em Tikrit, norte do Iraque. Em novembro de 2006, ele foi condenado à morte pelo Tribunal Especial, reunido em Bagdá,

---

<sup>13</sup> Operation Iraqi Freedom (OIF).

que o considerou culpado por crime contra a humanidade, por causa do massacre de 148 xiitas, ocorrido em 1982 e conhecido como "caso Dujail"<sup>14</sup>. Em dezembro, Saddam Hussein foi enforcado.

## 5 ANÁLISE DOS CONCEITOS DE NYE E DO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE FOUCAULT EM FACE DA GUERRA NO IRAQUE

O ataque terrorista de 11 de setembro foi uma grande oportunidade de os Estados Unidos utilizarem a mídia para divulgar o medo e o ódio na população, aproveitando-se da raiva e do desespero dos cidadãos norte-americanos para fundamentar a invasão ao Iraque. A guerra no Iraque foi um bom exemplo da utilização do *soft* e *hard power*.

Na época, o atentado às Torres Gêmeas foi passado diversas vezes na televisão, sempre como tema principal da notícia, assim como nos jornais e revistas. Os familiares e amigos dos que faleceram com o atentado começaram a ficar desesperados para achar o responsável por tal tragédia. Esse clamor por justiça foi intensificado pela repetição. A repetição das imagens largamente veiculadas e exploradas pela mídia, assim como as proclamações do Presidente Bush à guerra contra o terrorismo, foi uma forma de utilizar o *soft power* para instigar o povo norte-americano a desejar uma reação mais dura por parte do governo. Sobre a mídia, Todd Gitlin<sup>15</sup> afirma:

---

<sup>14</sup> GLOBO.COM. **Saddam Hussein é condenado à morte por enforcamento.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1338410-5602,00.html>> Acesso em: 18 out. 2010.

<sup>15</sup> GITLIN, Todd. **Mídia sem limite.** Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 17

Sem dúvida as mídias têm seu efeito sobre comportamentos e ideias, não tanto porque cada exposição isolada seja poderosa, mas porque se repetem. E se repetem. E se repetem. Há muitos indícios de que a resposta a cada uma das perguntas acima, em boa parte, é “sim” – com a restrição importante de que mais agressivo não é igual a assassino. (Para formar este elo da cadeia lógica, as armas de fogo precisam estar disponíveis livremente.) Ainda assim, como as indústrias que fazem circular imagens e sons gostam de nos lembrar – e algumas coisas são verdadeiras, mesmo quando quem fale é quem lucra –, elas não amarram as vítimas à força em suas engrenagens. Nós nos regalamos com escolhas. Para onde quer que olhemos, alguém nos oferece uma lista, um rol, um cardápio, um guia. As mídias não são apenas representações, são também promessas. Voltamos querendo mais.

Em outras palavras, em boa parte do tempo o barulho da mídia se integra no cotidiano, e as pessoas acabam sendo levadas por ela. É um zumbido do inconsequente, é aquilo que simplesmente existe e que não temos liberdade de escolher. Nesse sentido, observa Everardo Rocha<sup>16</sup>:

Na verdade, a Comunicação de Massa não explicita o desejo de mandar em ninguém sob nenhum ponto de vista. Ela certamente pode convencer, enganar, mistificar, mentir, persuadir, converter, iludir, engodar, seduzir e muitas outras qualificações tantas vezes atribuídas. Os adjetivos são legítimos, mas o fato é que estas qualidades não instauram propriamente uma ordem de comando, pois mandar mesmo, ordenar e, efetivamente, se ver obedecida é algo estranho – ou ao menos não é muito necessário – na experiência *dentro* da Indústria Cultural. A ideia de um poder exercido na dimensão interna da cultura

---

<sup>16</sup> ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho**: comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. p. 181.

da Comunicação de Massa é de difícil sustentação. Ela não *precisa* mandar, uma vez que pode *convencer*.

Em 20/9/2001, o Bush se dirigiu ao Congresso norte-americano com o seguinte discurso:

Hoje à noite, somos um país que acordou para o perigo e foi chamado para defender a liberdade. Nossa dor transformou-se em raiva, e a raiva em determinação. Se conseguirmos trazer nossos inimigos à justiça ou levarmos a justiça a nossos inimigos, a justiça será feita. [...] Todas as nações, em todas as regiões, agora têm uma decisão a tomar: ou estão conosco ou estão com os terroristas. Desse dia em diante, qualquer nação que continue a proteger ou sustentar terrorismo vai ser considerada pelos Estados Unidos como um regime hostil.<sup>17</sup>

Com isso, Bush, estava forçando a adesão de outras nações a participarem do plano contra o terrorismo e explicitando, de forma clara e objetiva, que quem não ajudasse na campanha antiterror liderada pelos EUA seria considerada uma nação inimiga. Segundo Joseph Nye<sup>18</sup>, apesar de o Presidente George W. Bush declarar em sua campanha eleitoral que os EUA não deveriam ser uma nação arrogante, mas humilde, para que fossem respeitados, em 2001 essa nação foi vista por muitos estrangeiros como extremamente concentrada nos próprios interesses em detrimento do resto do mundo. De acordo com Nye, os EUA começaram a ser absorvidos pelo *hard power* (poder bruto) de

---

<sup>17</sup> CNN. **Transcript of president Bush's adress**. Disponível em: <[http://articles.cnn.com/2001-09-20/us/gen.bush.transcript\\_1\\_joint-session-national-anthem-citizens?s=PM:US](http://articles.cnn.com/2001-09-20/us/gen.bush.transcript_1_joint-session-national-anthem-citizens?s=PM:US)>. Acesso em: 3 out. 2010.

<sup>18</sup> NYE, Joseph S. **O paradoxo do poder americano**: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. Tradução de Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002. p. 15-16.

sua força militar e não pelo *soft power* (poder brando), quando começaram a ignorar muitas normas, acordos, fóruns de negociações internacionais. Explica Nye:

Um dos motivos foi o fato de estarmos preocupados com as questões internas e sermos relativamente indiferentes ao papel extraordinário que desempenhamos no mundo. No Congresso, a grande maioria, tanto de republicanos como de democratas, reagia unicamente a interesses internos específicos e, muitas vezes, tratava a política externa como uma simples extensão da política interna. O Congresso tentou legislar para o resto do planeta e impôs sanções como se os outros países estivessem sujeitos à legislação dos Estados Unidos [...]<sup>19</sup>

Os EUA desobedeceram à ONU e realizaram os atos de agressão definidos pela “Resolução 3.314 (XXIX) da Assembleia-Geral das Nações Unidas: definição de agressão”. Também desrespeitaram quase todos os princípios gerais do Direito Internacional, como o da não-agressão, da solução pacífica de controvérsias, da coexistência pacífica, da autodeterminação dos povos e da soberania. Apesar de os EUA terem desrespeitado as decisões da ONU, ainda assim conseguiram atingir seus objetivos, graças ao imenso poder que a mídia possui de influenciar as massas. O pressuposto de que a imprensa é um aparelho ideológico controlado pelo Estado como forma de influenciar a população e de que grande parte do poder está centralizada no Estado não é o posicionamento de Foucault, pois, segundo esse autor, o poder não pertence ao Estado e não está concentrado em um ponto específico da estrutura social. Trata-se de uma relação existente ente dois sujeitos em um determinado contexto

---

<sup>19</sup> NYE, Joseph S., op. cit., p. 15-16.

histórico.<sup>20</sup> Mesmo não tendo capacidade suficiente para controlar a mídia, o Estado exerce grande influência nesta, conseguindo, em alguns casos, direcioná-la para veicular discursos de interesse dele.<sup>21</sup>

Dessa forma, para criar o terreno fértil (contexto histórico favorável e tido como verdadeiro), foi veiculado o discurso de que Osama Bin Laden coordenou o ataque às Torres Gêmeas e ao Pentágono e de que o Afeganistão havia protegido Bin Laden. O povo norte-americano e a comunidade internacional estavam muito chocados com esse ataque terrorista, e havia certa demanda de que algo fosse feito. Diante desse terreno fértil, a ideia de invadir o Afeganistão se tornou necessária, portanto não haveria grandes problemas em persuadir o povo e a comunidade internacional a aceitar essa invasão. A população norte-americana, fragilizada e amedrontada pelos ataques terroristas, aprovou os atos de Bush, pela sua rápida atuação no Afeganistão, cujo regime talibã foi derrubado em dois meses. Nesse sentido, publicou a revista *Veja*:

George W. Bush reagiu rápido e reagiu bem por ocasião dos atentados terroristas de 11 de setembro. E, além de tudo isso, ele revestiu sua ira com o tom dramático correto. Estava chocado, revoltado e

---

<sup>20</sup> MACHADO, Roberto, op. cit., p. 170.

<sup>21</sup> CHOMSKY, Noam. **Poder e terrorismo**: entrevistas e conferências pós-11 de setembro. Rio de Janeiro: Record, 2005. p.126- 127.

Em sentido contrário, é o posicionamento de Noam Chomsky, que comenta que a mídia não é influenciada por mecanismos do governo. Segundo ele, a mídia nos Estados Unidos é livre, e o governo não tem poder de dizer o que ela pode ou não fazer, principalmente pelo fato de ela se compor de gigantescas empresas que compartilham interesses do setor empresarial que exercem grande influência no governo.

queria vingança, e nisso os americanos e boa parte da opinião pública mundial o seguiram.<sup>22</sup>

A “doutrina Bush” adicionou um elemento que faltava para os cidadãos aprovarem os atos, ao discursar: “Vocês estão conosco ou estão com os terroristas.”<sup>23</sup> Para a revista *Veja*, *in verbis*, “[...] os bons estão desse lado, os maus estão do outro e estes serão combatidos até a vitória final.”<sup>24</sup> Ao proclamar a guerra contra o terrorismo, o primeiro passo foi atacar o Afeganistão, o que foi aceito pela maioria da população norte-americana, recebendo aprovação de 65%<sup>25</sup> dos eleitores. Com o desaparecimento e o fracasso de prender Osama Bin Laden e com as imagens das torres caindo repetindo-se na memória das pessoas, a população foi direcionada a perseguir um novo inimigo. Bush, sofrendo pressão pela mídia e pela população, decidiu desviar a atenção de todos. E esse desvio de atenção só seria possível com algo grande e sensacionalista, e aí uma guerra se encaixaria perfeitamente. Sem justificativas plausíveis, Bush inseriu o Iraque no “eixo do mal” e denuncia esse país de produção de armas químicas e biológicas. A revista *Veja* considerou que “[...] em lugar da cabeça de Osama Bin Laden, como prometido e esperado, ele [Bush] está obcecado pelos bigodes de Saddam Hussein.” Para os assessores de Bush, ele “[...] “estaria trabalhando para salvar o mundo ao

---

<sup>22</sup> VEJA ON-LINE. **A era bush em profundidade:** pesadelo dos terroristas ou caubói perigoso? Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/era\\_bush/contexto2.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/era_bush/contexto2.html)>. Acesso em: 8 set. 2010.

<sup>23</sup> CNN. **Transcript of president Bush's adress.** Disponível em: <[http://articles.cnn.com/2001-09-20/us/gen.bush.transcript\\_1\\_joint-session-national-anthem-citizens?s=PM:US](http://articles.cnn.com/2001-09-20/us/gen.bush.transcript_1_joint-session-national-anthem-citizens?s=PM:US)>. Acesso em: 3 out. 2010.

<sup>24</sup> O dono do mundo. **Veja**, p. 40, 11 set. 2002.

<sup>25</sup> Idem.

anunciar a intenção de invadir o Iraque e derrubar seu ditador.”<sup>26</sup>

Era preciso persuadir o povo norte-americano e colocá-lo a favor da campanha. Era necessário produzir um conjunto de assuntos para incriminar o Iraque: armas de destruição em massa, terrorismo, produção de armas nucleares e enriquecimento de urânio. A população deveria ser convencida de que o Iraque e Saddam constituíam grande ameaça, não apenas para os EUA, mas também para o mundo.

Bush anunciou a guerra quando fez seu pronunciamento em 17/3/2003. O discurso foi traduzido e transmitido por rádio aos iraquianos:

Todas as décadas de duplicidade e crueldade chegam agora ao fim. Saddam Hussein e seus filhos devem deixar o Iraque em 48 horas. Sua recusa em fazê-lo provocará um conflito militar que terá início no momento que nós escolhermos. Para a própria segurança, todos os estrangeiros, incluindo jornalistas e inspetores, devem deixar o Iraque imediatamente.<sup>27</sup>

O governo transmitindo pela mídia que o Iraque possuía armas de destruição em massa e passando informações de que essas armas seriam vendidas aos terroristas para atacarem os EUA amedrontava a população. O ex-presidente dos EUA, Bush, se pronunciou sobre as armas de destruição em massa em um discurso que realizou em 20/3/2003 (durante a invasão no Iraque), expondo:

---

<sup>26</sup> Ibid., p. 38, 11 set. 2002.

<sup>27</sup> FOLHA ONLINE. **Leia a íntegra do discurso de Bush sobre o início da guerra no Iraque.** Disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ul\\_t94u53194.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ul_t94u53194.shtml). Acesso em: 4 out. 2010.

Nossa nação entra neste conflito relutante, ainda que certa de nosso propósito. O povo dos Estados Unidos, nossos amigos e aliados não viverão à mercê de um regime criminoso que ameaça a paz com armas de assassinato em massa.<sup>28</sup>

A repetição do ataque às torres mais a disseminação do terror e do medo criado pelo próprio governo norte-americano fez com que a população ficasse paranóica, pois poderiam aparecer terroristas de qualquer lugar e a qualquer momento. Uma população amedrontada faz qualquer coisa, por isso o governo a amedrontava cada vez mais, para que não se esquecesse do medo, deixando uma aura de ameaça eterna<sup>29</sup>. O medo constante fazia com que o povo apoiasse qualquer plano do governo, inclusive de atacar um país que não tinha nenhuma relação com 11 de setembro. O governo não tinha nenhuma prova de que o Iraque dispunha de armas de destruição em massa, mas, ao repetir tantas vezes esse discurso, isso se tornou verdade. Ou seja, segundo Foucault, para um discurso ser aceito deve estar na verdade de seu tempo (ser considerado verdadeiro segundo o contexto histórico de sua época) e possuir um solo positivo. O discurso está intimamente ligado ao poder. O poder é capilarizado, ou seja, todos o praticam: o Estado, a população, as corporações, entidades financeiras ou não, a mídia, entre outros. O poder não é centralizado em uma só entidade. Para Roberto Machado,

[...] os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam com uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, em relação ao qual não existe

---

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> FAHRENHEIT 11 de setembro. Direção: Michael Moore. EUA: Lions Gate Films Inc., IFC Films, Europa Filmes, 2004. 1 DVD (116 min), widescreen, color.

exterior possível. Daí a importante ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que o detêm o poder e de outro os que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que funciona. E funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social.<sup>30</sup>

Assim como a ideia de poder, de Foucault, o *soft power*, de Nye, não se concentra somente no Estado, mas também em outras estruturas sociais. Segundo Joseph Nye, os governos podem atrair ou afastar outros pela influência de seu exemplo. Entretanto, o *soft power* não pertence ao Estado, da mesma forma que o *hard power*. Ou seja, por meio do *hard power*, o Estado pode decidir onde, quando e como exercer seu poder político, econômico e militar (poder centralizado no Estado). O *soft power*, por sua vez, não se concentra apenas no Estado, mas também em outras estruturas sociais.

Com a população abalada psiquicamente e o argumento das armas de destruição em massa aparentarem ser um discurso verdadeiro, observa-se que o poder está sendo praticado pelo Estado e pela mídia sobre a população. Ou seja, considerando a população como sujeito passivo e o Estado e a mídia como sujeito ativo, verifica-se que o sujeito ativo pratica a ação de repetir, convencer, conformar e amedrontar o sujeito passivo. A repetição está contida em todas as ações. Para convencer, é preciso que as pessoas sejam persuadidas de que algo é verdadeiro, pois o convencimento e a repetição (*soft power*) são mais

---

<sup>30</sup> MACHADO, Roberto. **Foucault**: a ciência e o saber. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. p. 170.

duradouros que a imposição (*hard power*). A conformação, na mesma linha do convencimento, é aquela em que os indivíduos acabam se amoldando a uma ideia por meio da repetição. E, por fim, a ação de amedrontar é aquela que liga a repetição, o convencimento e a conformação com a população, pois o medo repetido diversas vezes gera uma grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário e faz com que as pessoas acreditem em qualquer discurso.

O estudo realizado pelo Centro para a Integridade Pública e parceiros, divulgado pelo jornal *O Globo Online*<sup>31</sup> e por outros meios de comunicação, é um exemplo de um poder sendo praticado pelo Estado e pela mídia sobre a população. Nesse estudo, foi revelado que Bush havia realizado 231 declarações sobre as supostas armas de destruição em massa e 28 sobre o vínculo do Iraque com a Al-Qaeda e que, no total, Bush e seu gabinete declararam 935 afirmações falsas em dois anos após o 11 de setembro. Apesar de esses discursos serem todos falsos, na época foram considerados pela população como verdadeiros e eram transmitidos reiteradas vezes pelos veículos midiáticos. As corporações fazem parte desse “jogo”, pois estão praticando seu poder sobre o Estado e sobre a mídia.

A economia tem grande força no Estado, e este a utiliza para melhor realizar seus interesses. De acordo com John Perkins<sup>32</sup>, autor do livro *Confissões de um assassino*

---

<sup>31</sup> GLOBO.COM. **Estudo diz que Bush fez 259 afirmações falsas sobre o Iraque.** Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL270622-5602,00-ESTUDO+DIZ+QUE+BUSH+FEZ+AFIRMACOES+FALSAS+SOBRE+O+IRAQUE.html>>. Acesso em: 30 dez. 2010.

<sup>32</sup> John Perkins foi entrevistado sobre a influência da economia nas relações internacionais. A fala de Perkins aparece no documentário “Zeitgeist: Addendum”. (ZEITGEIST addendum. Direção: Peter Joseph. EUA, 2008).

*econômico*<sup>33</sup>, o poder econômico não está nas mãos do Estado, mas nas das grandes corporações, cujo poder se expande até no modo como os líderes dos Estados devem agir politicamente. São as corporações que exercem grande influência na mídia, de forma direta ou indireta, por meio da publicidade. Financiam as campanhas políticas e conseguem, portanto, influenciar os líderes políticos.

O Iraque foi um exemplo perfeito de como esse sistema trabalha. Primeiramente, segundo Perkins, quando um Estado não faz o que os EUA querem, tenta-se corromper o governo fazendo com que aceitem enormes somas de dinheiro. Se falhar, como no caso do Panamá, com Omar Torrijos, ou como no Equador, com Jaime Roldós, que se recusaram a se subordinar, passa-se para a segunda etapa: enviar “chacais” da CIA, que são os responsáveis pela derrubada de governos. Em seguida, inicia-se um novo governo que obedecerá à política ditada, e sua desobediência acarretará em invasão das tropas norte-americanas, ou como ocorreu na Venezuela, em 2002, onde foi organizado um golpe pela CIA, o qual foi muito parecido com o que Kermit Roosevelt tinha feito no Irã, ao pagarem pessoas para sair às ruas, protestando e mostrando a impopularidade do governo. Por meio da televisão e da mídia os fatos poderiam ser divulgados amplamente, fazendo com que os acontecimentos fossem manipulados e distorcidos. Quando não se consegue aplicar a primeira e a segunda etapa, como o que ocorreu no Iraque, utiliza-se da terceira etapa, a atuação militar: invade-se o país, retirando-se o líder estatal à força.

Então, o Iraque foi invadido com a premissa de que possuía armas de destruição em massa e que iria vender esses produtos para terroristas, portanto era uma ameaça internacional. Observa-se que em todas as etapas utilizadas

---

<sup>33</sup> PERKINS, John. **Confessions of na economic hitman**. EUA: Berrett-Koehler, 2004.

há o uso do *hard power* e não do *soft power*, já que este é a habilidade de se conseguir os resultados desejados sem utilizar ameaças e recompensas.

Segundo o documentário *Why we fight*<sup>34</sup>, no primeiro dia de guerra no Iraque, quatro bombas de mil quilos cada uma e guiadas por satélite foram lançadas sobre Bagdá. Com esses ataques muitos morreram ou ficaram feridos, entre homens, mulheres e crianças – todos civis. Os EUA anunciaram como um “sucesso”. Durante seis meses, no Iraque, foram feitos cinquenta ataques de precisão contra os líderes. Desses ataques nenhum acertou o alvo planejado. Em uma reportagem feita com soldados nortre-americanos, alguns deles diziam que era emocionante dar tiros e participar da libertação do povo iraquiano. Os EUA, por vezes mascaravam e limitavam o acesso a algumas informações sobre o Iraque, para que houvesse aceitação da população. Explica a jornalista Paula Fontenelle:

O apoio dos americanos à guerra teve influência direta na forma como a mídia se comportou naquele país. Grande parte da imprensa local conduziu uma cobertura branda, muitas vezes aceitando, sem questionamentos, as justificativas do presidente George W. Bush. O *New York Times*, mais conhecido jornal dos Estados Unidos, chegou inclusive a publicar um “mea culpa”, no dia 26 de maio de 2004, reconhecendo ter usado informações fornecidas por iraquianos exilados, sem checar a veracidade dos fatos. [...] O jornal reconheceu que deu destaque especial às afirmações negativas sobre Iraque. Em particular, àquelas que se referiam às armas de destruição em massa supostamente produzidas pelo governo Saddam Hussein.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> WHY we fight. Direção: Eugene Jarecki. EUA: Sony Pictures, 2006. 1 DVD (99 min).

<sup>35</sup> FONTENELLE, Paula. **Iraque**: a guerra pelas mentes. São Paulo: Sapienza, 2004. p. 78-79.

A jornalista Amy Goodman também afirma que houve um bombardeio de informações tendenciosas que criaram uma estrutura favorável para a guerra no Iraque, portanto,

[...] quando George W. Bush e Tony Blair criaram sua fraude para atacar o Iraque, o jornal, assim como a maioria da mídia corporativa dos Estados Unidos, entrou para a torcida organizada pela guerra.<sup>36</sup>

Em 7/9/2002, a Casa Branca lançou diversas propagandas na coletiva de imprensa em Camp David. Amy Goodman publicou:

O primeiro-ministro Tony Blair ficou de pé ao lado do seu co-conspirador, o presidente George W. Bush. Juntos, declararam que as evidências de um relatório publicado pela Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA<sup>37</sup>) da ONU mostravam que o Iraque estava a “seis meses” de fabricar armas nucleares. “Eu não sei de que outras evidências precisamos”, protestou Bush.

Na verdade, *qualquer* evidência ajudaria – já que esse relatório da IAEA não existia. Mas, na época, poucos jornalistas americanos questionaram as mentiras cabais dos grandes líderes. Em vez disso, no dia seguinte, as “evidências” pipocaram no *New York Times* de domingo com a assinatura da dupla Michael Gordon e Judith Miller.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> GOODMAN, Amy; GOODMAN, David. **Corrupção à americana:** desnudando as mentiras, a imprensa, os empresários e os políticos que produzem e lucram com a guerra. Tradução Salem Levy. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 132.

<sup>37</sup> International Atomic Energy Agency (IAEA).

<sup>38</sup> Id.

Segundo Julia Faria Camargo, entre os períodos de março e maio de 2003, a mídia se mostrou parcial e nacionalista:

[...] durante o período da deflagração da Guerra no Iraque, entre março e maio de 2003, a atuação da mídia anglo-americana foi parcial e nacionalista [...] A causa dessa atuação está diretamente relacionada ao abalo coletivo sofrido pela sociedade norte-americana devido aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.<sup>39</sup>

Julia Camargo ainda ressalta que a administração Bush esteve atenta à atuação da mídia nesse conflito, pois limitaram a atuação dos jornalistas em território iraquiano, com a organização da cobertura dos *embeddings*<sup>40</sup>. O jornalista *embedded* foi uma novidade introduzida no campo do jornalismo durante a invasão do Iraque. O jornalista José Arbex Jr. afirma:

A cobertura da invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em março de 2003, equivocadamente qualificada como “guerra” pela mídia – uma guerra pressupõe certa equivalência de poder destrutivo entre as forças em luta –, introduziu algumas novidades no campo do jornalismo. Uma delas foi a figura do jornalista *embedded*, ou “acamado”, em tradução livre do inglês. O jornalista *embedded* é aquele que aceitou se submeter a uma série de cinquenta normas estabelecidas pelo Exército dos Estados Unidos, como condição para acompanhar as tropas. As normas previam, entre outras coisas,

---

<sup>39</sup> CAMARGO, Julia Faria. O papel dos atores domésticos no processo de tomada de decisão em política externa: uma análise da mídia. Disponível em :

<<http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/simp/artigos/camargo.pdf>> Acesso em: 19 out. 2010.

<sup>40</sup> Id.

que ele não poderia reportar nada que não fosse aprovado pelos chefes do seu regimento, o mesmo valendo para as transmissões de imagens. Tampouco poderia se deslocar para áreas consideradas perigosas. Em resumo, não teria a menor independência, nem sequer observar os fatos.<sup>41</sup>

Essa “fiscalização” das notícias não ocorreu somente durante a ocupação no Iraque. O Pentágono, por muitos anos, desde o Vietnã tem-se esforçado para influenciar as notícias. Segundo o documentário *Zeitgeist: Addendum*<sup>42</sup>, as pessoas são treinadas para dizerem “certas coisas” de “certas formas”. Os repórteres não tinham acesso aos campos nos quais ocorriam muitas mortes. Então somente se noticiava o que era permitido. Ninguém encontrava a “verdade” sobre as razões e os motivos para fazer a guerra. Portanto, apesar do termo “jornalista *embedded*” ter surgido durante a Guerra no Iraque, a prática desse jornalismo já estava sendo utilizado desde a Guerra do Vietnã.

A ocupação do Iraque possibilitou o acesso dos EUA ao petróleo iraquiano e abriu caminho para que a reconstrução do país se tornasse uma atividade lucrativa para as multinacionais norte-americanas. A guerra no Iraque foi utilizada como forma de mostrar internacionalmente que os EUA não estavam vulneráveis e fracos como foi demonstrado com o ataque de 11 de setembro. Queriam reverter essa imagem de fragilidade, decidiram, portanto, demonstrar seu poder bélico atacando um Estado que nada havia feito para atrair a fúria da águia norte-americana. E isso ocorre porque,

---

<sup>41</sup> ARBEX, José. **O jornalismo canalha**: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo: Casa Amarela, 2003. p. 9.

<sup>42</sup> Informações retiradas do documentário *Zeitgeist: Addendum*, que, apesar de possuir teor um tanto quanto tendencioso para a teoria da conspiração, ainda é um veículo midiático, portanto não deve ser ignorado.

segundo Nye, o *hard power* traz uma impressão de invencibilidade e invulnerabilidade. Nesse processo, tentou-se usar o *soft power*. Em outras palavras, o governo norte-americano procurou seduzir outras nações a segui-lo por meio da atração cultural e valores políticos e ideológicos. De acordo com Nye, os neoconservadores acreditavam que o poder norte-americano poderia ser usado para exportar a democracia para o Iraque e transformar as políticas do Oriente Médio. Se tivesse sucesso, a guerra tornar-se-ia legítima. Seria uma dominação a serviço de princípios e grandes ideais de democracia e liberdade<sup>43</sup>.

Entretanto, os EUA entraram no Iraque com o uso da força e não com o da persuasão. O *soft power* foi pouco aplicado nesse país e na comunidade internacional para tentar convencer os outros países de que era uma guerra realmente necessária. Sendo assim, pesados investimentos em *hard power*, pelo governo Bush, no Iraque e a demora em estabilizar o país fizeram com que a popularidade do governo entrasse em declínio. Segundo Carlos Aguiar de Medeiros,

[...] depois do fracasso da ocupação americana do Iraque, do “renascimento” da Rússia e da “explosão expansiva” da China, e depois da crise hipotecária norte-americana, do “derretimento” do dólar e do novo choque do preço do petróleo, fala-se cada vez mais no “fim” ou no “colapso” do poder mundial dos Estados Unidos. Segundo Eric Hobsbawm, a “superioridade dos Estados Unidos é um fenômeno temporário”, e, neste momento, o “projeto americano está falindo”. Na mesma linha de Giovanni Arrighi,

---

<sup>43</sup> *The neoconservatives believed that American power could be used to export democracy to Iraq and transform the politics of the Middle East. If successful the war would become self-legitimizing. As William Kristol and Lawrence Kaplan put it, “What is wrong with dominance in the service of sound principles and high ideals?” (NYE, Joseph S. **Soft power**: the means to success in world politics. New York: PublicAffairs, 2004. p. 27).*

que diagnostica uma “crise terminal” da hegemonia americana, “depois do fracasso do projeto neoconservador no Iraque, e depois que os Estados Unidos deixarem de ser um Estado que criava ordem, para se tornarem uma força do caos e da desordem.”<sup>44</sup>

Como a revista *Veja* interrogou:

Um novo Winston Churchill, salvador da civilização ocidental com sua incessante disposição de enfrentar o mal? Ou um caubói do apocalipse, que vai afundar o planeta na desordem por beligerância tola e incapacidade de exercer a liderança exigida do homem no comando da maior potência de todos os tempos?<sup>45</sup>

A principal justificativa de Bush para invasão do Iraque foi derrubada quando a comissão parlamentar que investigou os atentados de 11 de setembro de 2001 concluiu que não existiam provas de que o regime de Saddam tenha vínculos com a Al-Qaeda. Não foram encontrados indícios das armas de destruição em massa que supostamente possuiria o governo iraquiano. Não havia provas suficientes de que o Iraque tinha armas de destruição em massa, portanto não havia razões para uma invasão. Explica Milan Rai:

Em março de 2002, o ministro das Relações Exteriores russo, Igor Ivanov, falou pela maior parte das nações do mundo quando declarou que “ainda vir a ter armas de destruição em massa”. O ministro das Relações Exteriores canadense Bill Graham observou: “Ninguém está dando apoio a Saddam Hussein, mas todos reconhecem que em política

---

<sup>44</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar de; FIORI, José Luís; SERRANO, Franklin P. **O mito do colapso do poder americano**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 7-8.

<sup>45</sup> VEJA, p. 38, 11 set. 2002. O dono do mundo.

externa é necessário haver um processo por meio do qual, antes de se invadir uma nação soberana, é preciso haver razões para isso, ou estaremos caminhando para o caos internacional<sup>46</sup>, não há provas de que o Iraque tenha ou passa.

Ainda, segundo Milan Rai:

O *New York Times* publicou um artigo com um relatório sobre Bagdá: A CIA não tem provas de que o Iraque esteja engajado em operações terroristas contra os EUA na última década e está convencido de que o presidente Saddam Hussein não forneceu armas químicas ou biológicas para a Al-Qaeda ou outros grupos terroristas similares, de acordo com diversos funcionários da inteligência norte-americana.<sup>47</sup>

Afirmou-se na II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional, intitulado “Estados Unidos: presente e desafios”:

Voltando à questão do Iraque, mesmo sem apoio internacional, Bush iniciou a operação militar em março de 2003. Ultrapassando o Conselho de Segurança da ONU e contando com o apoio de nações menores e a Grã-Bretanha de Blair, Bush reforçou a imagem unilateral, opondo-se à França, Rússia e Alemanha (o “eixo da paz”). O público interno apoiou a guerra com poucos protestos devido ao temor e à justificativa de que o Iraque possuía armas de destruição em massa e colaborara com a

---

<sup>46</sup> RAI, Milan. **Iraque**: plano de guerra. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2003. p. 214.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 237.

Al-Qaeda para 11/9, acusações que mostraram infundadas.<sup>48</sup>

Portanto, a máscara de 11 de setembro que protegia o governo norte-americano começava a perder seu encanto. O prolongamento da Guerra no Iraque (intensificação da guerra civil e fracasso da transição política) e a falta de provas plausíveis diminuíram a popularidade do governo norte-americano, assim como os escândalos de Abu Ghraib e Guantânamo (violação de direitos humanos e de favorecimento a empresas, como a Halliburton, ligada a Cheney), além do faturamento com a exploração de petróleo no Iraque<sup>49</sup>. Depois desse momento, verificou-se que o poder passou a ser praticado pela população e pela mídia sobre o Estado. O governo desprestigiado e perdendo sua credibilidade começou a ser desmascarado pela mídia e pela população que se sentiram enganadas e queriam respostas. Isso ocorreu porque os EUA não conseguiram se utilizar do *smart power*, ou seja, manter um ponto de equilíbrio que gerasse a proporcionalidade entre o *hard power* e o *soft power*.

Em dezembro de 2006, Saddam Hussein foi executado, não por ter armazenado armas de destruição em massa nem por ajudar os terroristas que atacaram os EUA, mas pelo massacre de 148 xiitas, ocorrido em 1982 (caso Dujail), ou seja, por não conseguir culpar Saddam pelo atentado as torre gêmeas, justificaram sua execução por ter cometido crime contra a humanidade.

---

<sup>48</sup> PECEQUILO, Cristina Soreanu. A era George W. Bush (2001/2007): os EUA e o sistema internacional. In: Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – II CNPEPI : (2 : Rio de Janeiro : 2007). **Seminário Estados Unidos: presente e desafios.** – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p. 40 – 41.

<sup>49</sup> Id.

## 7 CONCLUSÃO

Com o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, nos EUA, o governo desse país começou a propagar discursos de medo e de ódio para os cidadãos norte-americanos e para a comunidade internacional. Tais discursos foram difundidos pela mídia rapidamente e em larga escala ao mundo pelas novas tecnologias de comunicação. A globalização e o progresso tecnológico permitem o rápido acesso às informações entre os diversos Estados. Percebeu-se a utilização do *soft power* quando os discursos antiterror foram reiterados várias vezes pelos veículos midiáticos (revistas, jornais, documentários, filmes, etc.), tornando-os cada vez mais fortes e consolidados. Tal capilarização do discurso acabou por criar um solo positivo para atuação militar norte-americana.

Não encontrando Osama Bin Laden, os EUA voltaram sua atenção ao Iraque. O governo transmitiu pela mídia a existência de armas de destruição em massa em território Iraquiano e a informação de que tais armas seriam vendidas aos terroristas para atacarem os EUA. “Verdades” foram criadas pelo governo norte-americano para legitimar sua atuação bélica. Aproveitando-se do solo positivo criado pelo discurso antiterror, os EUA começaram uma investida militar contra o Iraque. Nesse momento, notou-se uma política focalizada no *hard power*. Ao mesmo tempo, tentou-se exportar a ideia de democracia e liberdade ao povo iraquiano, ou seja, aplicação de uma política baseada no *soft power*. Contudo, os enormes gastos com a guerra e a demora em estabilizar o país desgastaram a popularidade do governo Bush. Ou seja, o *hard power* se sobrepôs ao *soft power*.

O discurso tem grande importância nas relações de poder, pois, por meio dele, é possível criar um solo positivo, para que determinadas ideias sejam consideradas

verdadeiras e aceitas por um grupo social. Inicialmente o líder que influenciou o grupo, pelo discurso, exerceu um poder sobre esse grupo. Todavia, com o passar do tempo, o grupo interiorizou de tal forma as “verdades” criadas pelo líder que passou a cobrar deste um comportamento adequado ao discurso proferido. Observa-se uma inversão na relação de poder. Antes o líder exercia poder sobre o grupo; em seguida, o grupo passou a exercer poder sobre o líder. Tal fato ocorreu nos EUA. Inicialmente foi veiculado um discurso de medo e ódio contra os terroristas. O povo aceitou esse discurso, uma vez que havia um contexto histórico adequado para essas ideias. Mas a ineficiência em acabar com os terroristas, aliada às informações lacunosas e contraditórias emitidas pelo governo, fez com que a população e a mídia (norte-americana e de outros países) passassem a questionar os atos e intenções do governo dos EUA. Essa situação mostra a dinâmica nas relações de poder.

Mesmo em um mundo globalizado, que é constantemente alvo de uma política norte-americana de *soft power*, é importante ressaltar que o discurso pode ser verdadeiro para um determinado país e totalmente inválido para outros. Isso ocorre pelos mais variados fatores, entre eles os costumes, as tradições, as religiões e as leis de cada Estado. Tais fatores interferem no modo como um Estado direciona sua política internacional. Dessa forma, um discurso pode encontrar reações das mais diversas, e alguns podem ser a favor e outros contra.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. O vôo da águia vingadora. **Veja**, p. 73, 19 set. 2001.

ARBEX, José. **O jornalismo canalha**: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

CAMARGO, Julia Faria. O papel dos atores domésticos no processo de tomada de decisão em política externa: uma análise da mídia. Disponível em :  
<<http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/simp/artigos/camargo.pdf>> Acesso em: 19 out. 2010.

CHOMSKY, Noam. **Poder e terrorismo**: entrevistas e conferências pós-11 de setembro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CNN. **Transcript of president Bush's adress**. Disponível em:  
<[http://articles.cnn.com/2001-09-20/us/gen.bush.transcript\\_1\\_joint-session-national-anthem-citizens?s=PM:US](http://articles.cnn.com/2001-09-20/us/gen.bush.transcript_1_joint-session-national-anthem-citizens?s=PM:US)>. Acesso em: 3 out. 2010.

FONTENELLE, Paula. **Iraque**: a guerra pelas mentes. São Paulo: Sapienza, 2004.

GITLIN, Todd. **Mídia sem limite**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOODMAN, Amy; GOODMAN, David. **Corrupção à americana**: desnudando as mentiras, a imprensa, os empresários e os políticos que produzem e lucram com a guerra. Tradução de Salem Levy. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GLOBO.COM. **Saddam Hussein é condenado à morte por enforcamento**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1338410-5602,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2010.

\_\_\_\_\_. **Estudo diz que Bush fez 259 afirmações falsas sobre o Iraque**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL270622-5602,00-STUDO+DIZ+QUE+ BUSH+FEZ + AFIRMACOES +FALSAS+SOBRE+O+IRAQUE.html>>. Acesso em: 30 dez. 2010.

FAHRENHEIT 11 de setembro. Direção: Michael Moore. EUA: Lions Gate Films Inc., IFC Films, Europa Filmes, 2004. 1 DVD (116 min), widescreen, color.

FONTENELLE, Paula. **Iraque: a guerra pelas mentes**. São Paulo: Sapienza, 2004.

FONLINE. **Leia a íntegra do discurso de Bush sobre o início da guerra no Iraque**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u53194.shtml>>. Acesso em: 4 out. 2010.

MACHADO, Roberto. **Foucault: a ciência e o saber**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

MEDEIROS, Carlos Aguiar de; FIORI, José Luís; SERRANO, Franklin P. **O mito do colapso do poder americano**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NYE, Joseph S. **O paradoxo do poder americano: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada**. Tradução de Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Soft power**: the means to success in world politics. New York: PublicAffairs, 2004.

O DONO do mundo. **Veja**, p. 38, 11 set. 2002.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. A era George W. Bush (2001/2007): os EUA e o sistema internacional. In: Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – II CNPEPI : (2 : Rio de Janeiro : 2007). **Seminário Estados Unidos: presente e desafios**. – Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p. 27 – 48.

RAI, Milan. **Iraque**: plano e guerra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROCHA, Everardo. **A sociedade do sonho**: comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

VEJA. A era bush em profundidade: pesadelo dos terroristas ou caubói perigoso? Disponível em: [http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/era\\_bush/contexto2.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/era_bush/contexto2.html). Acesso em: 8 set. 2010.

WHY we fight. Direção: Eugene Jarecki. EUA: Sony Pictures, 2006. 1 DVD (99 min).

ZEITGEIST Addendum. Direção: Peter Joseph. EUA, 2008.

## BIBLIOGRAFIA

ALMANAQUE ABRIL. São Paulo: Abril, 2009.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. **Revista Aulas**, v. 3, p. 1-24, 2007. Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/14.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2009.

BARRAL, Welber. **Direito internacional**: normas e práticas. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

PERKINS, John. **Confessions of na economic hitman**. EUA: Berrett-Koehler, 2004.